

JOSÉ DE MESQUITA
(Da Academia Matogrossense de Letras)

O ADEUS DA ACADEMIA

(Discurso do Desembargador José de Mesquita no enterramento do Prof. Franklin Cassiano)

Cuiabá
Revista da Academia Matogrossense de Letras
Ano VIII — Tomo XV-XV
1940

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

A CADEIRA Nº 20

A 9 DE JUNHO DESTE ANO, FALECEU, INESPERADAMENTE, O ACADEMICO FRANKLIN CASSIANO, MEMBRO FUNDADOR E OCUPANTE DA CADEIRA Nº 20. ARQUIVAMOS NAS PAGINAS DA REVISTA AS HOMENAGENS QUE LHE PRESTOU A ACADEMIA E ÀS QUAIS SE ASSOCIOU, POR PROPOSTA DO DELEGADO, ACADEMICO VIRGILIO CORRÊA FILHO, A FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL.

O ADEUS DA ACADEMIA

Discurso do Desembargador José de Mesquita no enterramento do Prof. Franklin Cassiano.

FRANKLIN: Deram-me os seus companheiros do Instituto Histórico e da Academia Matogrossense o doloroso encargo de lhe dizer, neste angustioso instante em que se consuma a separação terrena, o seu comovido adeus de despedida e a expressão imensa da sua saudade.

Faz sete anos, por um dia de junho como o de hoje, deste claro e suave inverno cuiabano, trazíamos para esta mansão do repouso aqueloutro confrade boníssimo que foi João Cunha, membro também das duas sociedades irmãs, em cujo cargo de administração foi por você condignamente substituído.

Os honrosos mandatos que, em ambos os grêmios culturais desempenho, desde a sua fundação, renovados sempre pela desvanecedora confiança dos meus amigos, atribuem-me, hoje, como ontem, o papel de interprete do sentimento dos que pranteiam o seu brusco desaparecimento.

Da sua dedicação aos nossos sodalícios, de que você foi fundador e é ha muito um dos diretores, diz, mais eloqüentemente que quaisquer testemunhos, o fato significativo de, adoentado como já se achava, ter comparecido e tomado parte nos trabalhos das sessões ontem à noite realizadas.

Outros atestados do seu eficiente labor em prol da execução do programa cultural que realizamos, temo-los na sua colaboração nas Revistas, no solícito desempenho do trabalho *munus* de tesoureiro e, sobretudo, nesse carinho sempre manifestado pelas coisas do Instituto e da Academia. Não é este o momento para focar os poliformes aspectos da sua mentalidade de escol, como poeta, prosador, jornalista, e sobretudo, professor, que você soube ser acima de tudo, nessa vocação inata para o magistério que o fez um privilegiado na mais bela das ciências humanas: a de ensinar a ensinar. Artista por excelência é o pedagogo, didacta, pois enforma a própria alma, dela fazendo a matéria prima das suas admiráveis criações.

E você o soube ser, como poucos.

Neste momento, porem, em que a minha voz fala para a eternidade, eu quero por em relevo aquilo que você, Franklin, possuía de mais alto e mais nobre, na sua modéstia tão singular, essa riqueza superior a todas as fortunas fáceis e caducas, que é o caracter e o dom da amizade.

Tive, por duas vezes, a prova flagrante do que acabo de afirmar.

Atacado, certa feita, por uma folha desta cidade,

imbuída desse prurido de destruir que tem aqueles que nada constroem, encontrei, na sua pena ágil e vibrante, a serviço de uma causa justa, a mais vigorosa e espontânea das defesas contra o gratuito agressor. Ultimamente, salteado pela mais brutal das injustiças, tratado, na minha terra a que dei 25 anos de serviços constantes e desinteressados, como si fosse o ultimo dos parias, foi de você, Franklin — e essa circunstancia nunca me perderá a memória — que recebi um dos primeiros e mais expressivos abraços de solidariedade.

Amigo — como o sabem ser esses que nos aparecem nas horas más e tenebrosas — revelou-se também você um homem de caracter, pois o caracter, que é o quilate do espírito, se avalia precisamente pela capacidade moral de reação contra a injustiça, venha ela donde vier e fira a quem ferir. Você se mostrou, assim, nesses dois lances, aos meus olhos, como um vulto acima da vulgaridade onde ficam os acomodaticios e os oportunistas.

E agora, nesta hora da verdade, nesta fronteira entre os dois mundos — o objetivo, que aqui tem seu termo — e o eterno — que para você começou ha poucas horas — eu devo, trazendo este depoimento sincero à beira do seu tumulto, proclamar que si você era uma inteligência lúcida, como o podem atestar os que lhe aprenderam as lições e leram as obras — era, muito mais do que isso, um grande coração votado para o bem.

O seu coração devia ter a hipertrofia da bondade, porque você pertencia ao numero dos sensitivos, que forma a estirpe de Ariel, tão diferente da torva linhagem de Caliban. Os que deploramos a sua morte e pranteamos a sua partida, neste dia em que a fatalidade converteu, inesperadamente, em luto as galas festivas do seu lar — nos consolamos ao pensar que o grande Munificente, a Bondade suprema, deve ter você a seu

lado, pois que você, meu amigo, soube realizar a única finalidade humana sobre a terra — ser bom.

Que o seu grande coração repouse como o do Poeta, irmão e sofredor, vitima que foi também da torpeza dos homens — na mão de Deus, na sua mão direita, no seu imenso seio misericordioso!